REVISTA DE ARQUEOLOGIA

Volume 33 No. 1 2020

Edição Especial: Museu Nacional (Volume 2)

PARA ALÉM DO IGARAPÉ DO LAGO:

REVISITANDO O CONJUNTO MARACÁ À LUZ DE OUTROS CONTEXTOS FUNERÁRIOS ANTROPOZOOMÓRFICOS DO AMAPÁ E SUA COSTA ESTUARINA

Mario Junior Alves Polo*

RESUMO

O artigo se dedica a contextos funerários da foz do Amazonas em que se verifica a figuração de indivíduos sentados e de quadrúpedes com face antropomorfa, e aponta para a extensão regional da associação dessas duas tipologias de urnas funerárias, que, em geral, foram vinculadas à Fase Maracá. A reflexão é fruto de uma revisão minuciosa da literatura afim e de seu contraste com dados recentes de pesquisas promovidas sobre materiais ou sítios da região, assim como emerge da análise iconográfica – em desenvolvimento – de coleções situadas no Museu Nacional/UFRJ e em instituições amapaenses.

Palavras-chave: Iconografia; Figurativismo; Arqueologia Amazônica.

* Doutor em Arqueologia pelo PPGArq/MN/UFRJ, e Mestre em Preservação do Patrimônio Cultural pelo IPHAN. É Gerente de Coleções Arqueológicas no Museu Nacional, UFRJ, e pesquisador-colaborador do Núcleo de Pesquisa Arqueológica do Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá (IEPA). E-mail: mariojrpolo@gmail.com. ORCID: https://orcid.org/0000-0001-5364-0843.

DOI: https://doi.org/10.24885/v33i1.720

ARTICUL

BEYOND IGARAPÉ DO LAGO: REVISITING THE MARACÁ POTTERY IN THE LIGHT OF OTHER ANTHROPOZOOMORPHIC FUNERARY CONTEXTS FROM AMAPÁ AND ITS ESTUARINE COAST

ABSTRACT

The article focuses on funerary contexts from the mouth of the Amazon, whit the depiction of seated individuals and quadrupeds with anthropomorphic face, and points to the regional extension of the association of these two types of funerary urns, which were, in general, linked to the Maracá Phase. This reflection is the result of a thorough review of related literature and its contrast with recent research data on materials or archaeological sites in the region, as well emerges from the iconographic analysis of collections located in the National Museum/UFRJ and institutions in Amapá.

Keywords: Iconography; Figurativism; Amazonian Archeology.

MAS ALLÁ DEL IGARAPÉ DO LAGO: REVISANDO EL CONJUNTO MARACÁ A LA LUZ DE OTROS CONTEXTOS FUNERARIOS ANTROPOZOOMÓRFICOS DE AMAPÁ Y SU COSTA ESTUARINA

RESUMEN

El artículo se dedica a contextos funerarios de la desembocadura del Amazonas en que se verifica la figuración de individuos sentados y de cuadrúpedos con cara antropomorfa, y apunta a la extensión regional de la asociación de estas dos tipologías de urnas funerarias que, en general, fueron vinculadas a la Fase Maracá. La reflexión es fruto de una revisión minuciosa de la literatura afín y de su contraste con datos recientes de investigaciones promovidas sobre materiales o sitios de la región, así como emerge del análisis iconográfico – en desarrollo – de colecciones situadas en el Museu Nacional/UFRJ y en instituciones del Amapá.

Palabras clave: Iconografía; Figurativismo; Arqueología Amazónica.

INTRODUÇÃO

A cerâmica Maracá é uma das mais conhecidas na Arqueologia Amazônica. Ao lado da Marajoara, é tomada quase como um emblema do passado pré-colonial para a Foz do Amazonas. Ela chamou a atenção desde muito cedo, já nas últimas décadas do século XIX e em um contexto marcado por expedições de viajantes e naturalistas à região, e pela formação de coleções que se encontram em museus na Europa, no atual Museu Paraense Emílio Goeldi, em Belém do Pará, e no Museu Nacional, no Rio de Janeiro – que conta com onze peças Maracá em seu acervo, das quais, até o momento, sete foram resgatadas inteiras após o incêndio sofrido em 2018. Essa atenção sobre o conjunto Maracá inspira ainda hoje artesãs amapaenses que buscam, na silhueta das urnas ou na pintura em sua superfície, a inspiração para a produção de suvenires. Para além do apelo estético inicialmente exercido, esse material veio a ser vastamente estudado entre as décadas de 1990 e 2000 por equipe do Museu Goeldi, sob coordenação de Vera Guapindaia, gerando um fluxo de pesquisas que prossegue atendendo ao enorme interesse sobre este conjunto.

Nos relatos das primeiras expedições ao sul do Amapá já estão esboçadas as características mais básicas da cerâmica Maracá. As urnas funerárias encontravam-se depositadas em grutas e abrigos rochosos situados nas proximidades do Igarapé do Lago, na bacia no rio Maracá e na região da Serra do Laranjal, no município de Mazagão. A deposição das urnas sobre o piso do sítio, isto é, o fato de constituírem cemitérios sem enterramentos, teria atraído bastante interesse sobre elas, assim como suas características figurativas. Além disso, foram distribuídas em duas formas principais distintas: uma antropomorfa, caracterizada pela figuração de entes sentados em bancos, e outra zoomorfa, em que são figurados animais apoiados sobre quatro patas, interpretados como quelônios, porém com a face humana (GUAPINDAIA, 2001a, 2008a) ¹. A caracterização da cerâmica Maracá como uma tradição – e não propriamente uma Fase – bastante particular e espacialmente restrita à região do Igarapé do Lago foi, por sua vez, promovida por Meggers e Evans (1957) nos anos 1950, sedimentando uma impressão de isolamento em relação às indústrias cerâmicas próximas que se arrasta até o presente.

Os estudos desenvolvidos até o momento sobre os materiais e contextos Maracá se deram, em geral, no sentido de uma caracterização mais apurada possível dos padrões identificáveis dentre esse material oriundo do Igarapé do Lago. Contudo permanece pouco debatida a presença de figuras iconograficamente semelhantes em contextos outros, como às margens dos rios Piçacá e Vila Nova, e na Ilha do Pará (Figura 1). Isso sem mencionar os conjuntos que igualmente apresentam a figuração de indivíduos sentados em bancos, como é o caso dos recentemente delineados conjuntos Caviana e Cupixi. Afinal, urnas figurando entes sentados em bancos ou quadrúpedes com face antropomorfa seriam particulares do conjunto Maracá? Qual a extensão do uso dessa "fórmula" iconográfica para a região, e o que essas outras ocorrências possuem em comum com a indústria do Igarapé do Lago?

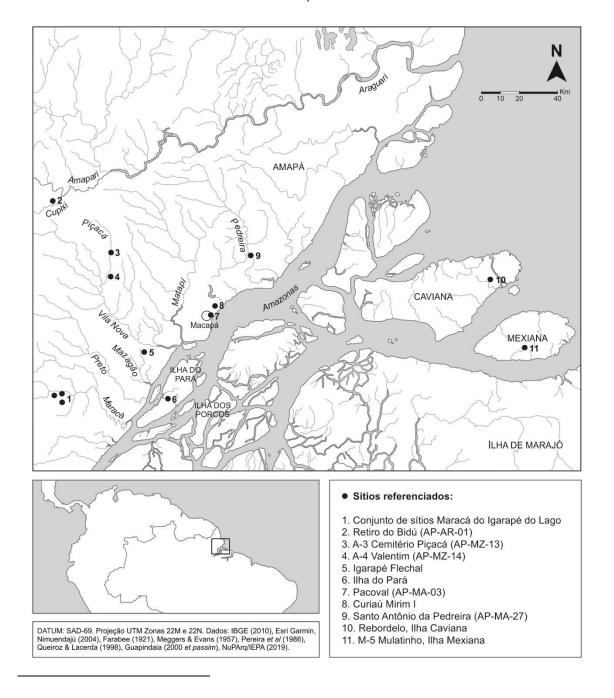
O propósito da reflexão aqui apresentada é interrogar a potencialidade de se analisar o conjunto Maracá de modo menos isolado, em conjunção e em contraste a outros contextos funerários antropozoomórficos da região. Assim, o artigo se estrutura a partir da apresentação do conjunto Maracá, das ocorrências semelhantes em termos iconográficos e dos conjuntos Caviana e Cupixi, para na sequência avançar sobre as potencialidades interpretativas colocadas por esses materiais.

Os dados utilizados no presente esforço foram recolhidos e organizados, em primeira instância, por meio de uma revisão meticulosa da literatura existente sobre os

¹ Lima Guedes (1897: 51) se referiu ainda à existência de um terceiro tipo de urna, tubular e de contorno simples.

conjuntos cerâmicos da foz do Amazonas. Este exercício, por sua vez, é parte de pesquisa de doutoramento (POLO, 2019) que inclui a atenção à distribuição geográfica das referidas ocorrências, aos padrões de deposição entre esses diferentes sítios e conjuntos, e a análise tecnológica e sobretudo iconográfica dos materiais de interesse, pertencentes aos acervos do Museu Nacional/UFRJ, do Núcleo de Pesquisa Arqueológica do Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Amapá (NuPArq/IEPA), do Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas, da Universidade Federal do Amapá (CEPAP/UNIFAP) e Museu Histórico do Amapá Joaquim Caetano da Silva (MHAJCS)².

Figura 1 – Mapa com distribuição geográfica das ocorrências mencionadas ao longo do texto. Produzido por: autor.



² A amostra analisada na referida pesquisa, que se orienta pelos temas da corporeidade e do figurativismo, compreende oitenta e cinco urnas – além de material associado ou fragmentado – distribuídas entre os conjuntos Caviana, Cupixi, Maracá, Mazagão e entre aquelas que não possuem atribuição prévia a nenhum conjunto conhecido para a região.

O "CÂNONE" MARACÁ

As primeiras intervenções de interesse arqueológico no que hoje é o Amapá estiveram concentradas no sul do estado. Trata-se das campanhas que tiveram à frente Domingos Ferreira Penna, em 1871 (PENNA, 1877), Aureliano Lima Guedes, em 1896 (LIMA GUEDES, 1897), William Farabee, em 1916 (FARABEE, 1917, 1921) e Curt Nimuendajú, entre os anos de 1922 e 1925 (NIMUENDAJÚ, 2004), voltadas à região dos rios Maracá e Anauerapucú (atualmente chamado de rio Vila Nova), e à Ilha do Pará.

Betty Meggers e Clifford Evans (1957), em suas pesquisas devotadas à Foz do Amazonas entre as décadas de 1940 e 1950, identificaram as Fases Acauan e Aruã para as ilhas da costa estuarina do Amapá e especialmente ilhas Caviana e Mexiana. Já para o sul do Amapá, além da Aruã, identificaram a Fase Mazagão e, em certa medida, admitiram a Fase Maracá³, embora isso fique ambíguo ao longo do seu texto. Em dado momento, os autores se referem à cerâmica Maracá como "uma tradição desviante da Fase Mazagão" (MEGGERS & EVANS, 1957: 75). A ressalva é a de que a ausência, até então, de sítios habitação com cerâmica Maracá tornaria imprecisa a sua definição como Fase (MEGGERS & EVANS, 1957: 77).

Para a região da presente reflexão, correspondente ao sul do Amapá e sua costa estuarina, é importante observar que a Arqueologia se manteve organizada segundo as Fases Aruã, Marajoara, Acauan e Mazagão, para além da cerâmica Maracá, até que as pesquisas desenvolvidas depois dos anos 2000 trouxessem evidências que permitissem constatar a presença de outras Fases em sítios amapaenses e aventar o reconhecimento de novas Fases para sobretudo a região do rio Jari. Hoje se aponta para a coexistência de ao menos cinco complexos cerâmicos distintos para o Amapá, a partir do segundo milênio d.C. (SALDANHA et al, 2016: 87). Em se tratando do sul do estado, particularmente, se somaria às Fases Mazagão, Aruã e Maracá a Fase Caviana, "recentemente identificada na ilha de mesmo nome e sobre a costa central do Amapá" (ROSTAIN, 2011: 21, tradução nossa). Para além disso, contaríamos com a presença de cerâmica Marajoara, além de cerâmica Koriabo e do conjunto recentemente definido como Jari (SALDANHA et al, 2016).

Sobre o material Maracá, em particular, há uma vasta produção acadêmica, gerada sobretudo com o projeto coordenado por Vera Guapindaia e ligado ao Museu Goeldi a partir de meados dos anos 1990. O projeto se voltou aos sítios do Igarapé do Lago, que, cabe frisar, é um grande tributário do Rio Maracá, marcado por colinas e afloramentos rochosos, cavernas e abrigos. Ele se encontra em uma região localizada atrás da franja litorânea do estuário do Amazonas no Amapá, a qual compreende uma série de corpos d'água localmente denominados de "lagos". A paisagem dessa região difere da paisagem costeira em razão do relevo de serra, da vegetação e desses lagos com sua sazonalidade própria.

Nas primeiras décadas do século XX houve referências às urnas Maracá nos trabalhos de Farabee (1921), Nimuendajú (2004), Erland Nordenskiöld (1930) e Angyone Costa (1934). Meggers e Evans, em suas pesquisas desenvolvidas a partir de 1948, não visitaram a região do Igarapé do Lago, mas analisaram o material Maracá coletado por Lima Guedes, situado no Museu Emílio Goeldi, e também o material coletado por Farabee, na Universidade da Pensilvânia, Estados Unidos, perfazendo um total de 29 tampas (ou cabeças) e 17 corpos de urnas antropomorfas. Propuseram que, assim como as Fases identificadas por eles no Amapá (Mazagão, Aristé e Aruã), a tradição Maracá seria tardia, porém geograficamente restrita. Arguiram ainda que as similaridades entre

³ Como em prancha com fotografias do material, na qual usam a expressão "Fase Maracá" (MEGGERS & EVANS, 1957: Pl. 17).

esse conjunto cerâmico e o da última Fase Mazagão permitiriam apontá-los como contemporâneos. Já em 1972, Mário Simões lançara novo olhar ao conjunto Maracá, classificando-o como uma Fase própria (BARRETO, 1992: 240).

O complexo Maracá passou a ser alvo de investigações arqueológicas direcionadas somente a partir de 1994, quando Vera Guapindaia e outros pesquisadores ligados ao Museu Paraense Emílio Goeldi iniciaram o projeto Estudos Arqueológicos na região do *Igarapé do Lago, rio Maracá*, tendo cadastrado dez novos sítios na área nos primeiros anos de atividade 4 (GUAPINDAIA, 1995, 1997, 2000, 2001a, 2001b, 2008a, 2008b). As pesquisas conduzidas pela equipe do Museu Goeldi no âmbito desse projeto são ainda hoje a principal referência sobre o conjunto, tanto por envolver levantamentos sistemáticos na região como por empreender diferentes tipos de análise sobre os materiais e os sítios. Uma série de trabalhos emergiu dos anos 2000 adiante na esteira deste projeto, como é o caso da dissertação de Carlos Barbosa (2011), voltada à coleção da Gruta das Caretas. A partir de doze urnas antropomorfas dessa coleção, o autor propõe haver um conjunto de características iconográficas e técnicas na composição dessas peças que podem corresponder a marcadores de gênero e de identidade. Sugere, acerca da pintura, que o uso do pigmento branco é "comum aos dois gêneros [sic], enquanto o amarelo e o vermelho são de uso exclusivo das urnas femininas" (BARBOSA, 2011: 121). O autor afirma ainda que "a recorrência dos motivos em faixas estaria relacionada a regras sociais coletivas, enquanto que os traços assimétricos estariam relacionados a características individuais" (BARBOSA, 2011: 121).

O patrimônio arqueológico associado ao conjunto Maracá compreende pelo menos dezenove sítios arqueológicos, sendo quinze deles sítios-cemitério em abrigos e cavernas, e quatro sítios a céu aberto, que se encontram distribuídos por uma área de 32 km² na afluência do Igarapé do Lago, o que é apontando por Guapindaia (2001a: 60) como um indício da densidade dos assentamentos indígenas nessa região.

Algumas abordagens permitiram avançar bastante sobre o que sabemos hoje desse conjunto – como é o caso da avaliação feita por Sheila Mendonça de Souza, Claudia Rodrigues-Carvalho e Vera Guapiandaia (2001) acerca do material osteológico e das condições tafonômicas peculiares aos sítios. A bibliografia recente sobre a cerâmica Maracá aborda de forma semelhante o tipo de tratamento oferecido aos mortos. Há consenso sobre se tratar de enterramentos secundários, com o mesmo tipo de arranjo dos ossos no interior das urnas antropomorfas, bem como sobre a dificuldade em se reconhecer o tipo de tratamento primário devido à falta de marcas de descarne ou eliminação das partes moles (SOUZA et al, 2001; GUAPINDAIA 2001a, 2008a, 2008b) – ao contrário do usualmente verificado em outros enterramentos secundários na Amazônia. As autoras também mencionam a possibilidade de que as urnas abriguem uma parcela específica da população natural, como xamãs, indivíduos de prestígio ou de função especializada. Conforme Guapindaia (2001a, 2008a, 2008b), as urnas antropomorfas são encontradas com mais frequência e as zoomorfas em menor número, o que apontaria para pessoas com status diferenciados nessa sociedade.

É comum a observação de que as grutas com material Maracá correspondem a um tipo de local sagrado ou "necrópole" (cf. SOUZA et al, 2001) que, de forma única, permitiu que houvesse sobre ele uma dinâmica de transformação e manutenção completamente ativa (SOUZA et al, 2001; BARBOSA, 2011). Em razão da deposição das urnas na superfície do piso da gruta, teriam sido favorecidas as relações afetivas e de cuidado com os antepassados assentados nesses recintos.

⁴ Nesses sítios foram realizadas extensas coletas em superfície, e em um deles ocorreram escavações em contexto com presença de terra preta arqueológica.

Figura 2 – Urnas funerárias Maracá. 1) Antropomorfa inteira. 2) Tampa de antropomorfa, com pintura amarela na face. 3) Zooantropomorfa. Acervo do Museu Nacional/UFRJ. Fotos: autor.



As coleções Maracá geradas até o momento estão situadas em várias instituições, algumas delas fora do Brasil, e o material oriundo da Gruta das Caretas, localizado no Museu Goeldi, é seguramente o mais conhecido e estudado até agora. Na reserva técnica desse museu estariam reunidos os materiais coletados tanto por Lima Guedes quanto por Guapindaia e demais pesquisadores da instituição que atuaram na região. As peças coletadas por Domingos Ferreira Penna encontram-se no Museu Nacional, no Rio de Janeiro (Figura 2), e conformam um acervo equivalente a onze urnas, sendo duas delas antropomorfas inteiras, uma zooantropomorfa e oito tampas de antropomorfas. Já aquelas recolhidas por Nimuendajú estariam no Museu Etnográfico de Oslo, na Noruega, e as recolhidas por Farabee, na Universidade da Pensilvânia. Ainda outras urnas Maracá podem ser encontradas em coleções privadas, e no Amapá, propriamente, estão distribuídas entre o NuPArq/IEPA, o CEPAP/UNIFAP e o MHAJCS.

É interessante que se possa refletir, a partir desse balanço, sobre como o conhecimento difundido desde muito cedo sobre as urnas Maracá fizeram delas um modelo ou um tipo de cânone para o antropomorfismo na região. Muitos materiais antropomórficos identificados na foz do Amazonas, e que não puderam ser facilmente associados ao conjunto Maracá, foram, ao longo do tempo, ainda assim pensados em contraste a esse conjunto e ao modo de figurar o corpo aí verificado.

SOBRE FIGURAS SENTADAS E QUADRÚPEDES DENTRE AS URNAS MAZAGÃO E ARUÃ

As ocorrências de urnas funerárias antropozoomorfas na região de interesse à pesquisa são muitas e, em se tratando da figuração de seres antropomorfos sentados e de quadrúpedes com face antropomorfa, algumas delas foram associadas à Fase Mazagão por Meggers & Evans (1957), gerando questionamentos sobre interação e possível "cópia" do estilo Maracá. Intercâmbios entre os conjuntos Mazagão e Maracá são mencionados por Stéphen Rostain e descritos por ele como pontuais, ainda que a indústria cerâmica Mazagão "imitasse" algumas formas Maracá (ROSTAIN, 2011: 22). A esse respeito é relevante pontuar que a cerâmica Maracá está, de fato, localizada no centro do território ainda hoje associado à cerâmica Mazagão.

A Fase Mazagão é descrita como a mais expressiva para o sul do Amapá, desde Meggers & Evans (1957). Os sítios com esta cerâmica estariam reunidos ao sul do rio Araguari e ao norte do rio Jari, e foram inicialmente localizados em tributários e às margens dos rios Iratapurú, Mazagão e Piçacá, apresentando uma concentração tardia no rio Vila Nova – "no mesmo período em que no rio Maracá se desenvolvia uma tradição própria" (MEGGERS & EVANS, 1957: 102). A produção da cerâmica Mazagão prosseguiu de forma regular até suas sequências finais, nas quais se observa maior variabilidade. Teria desaparecido no início da invasão europeia, provavelmente pouco depois de 1630 (ROSTAIN, 2011: 22), o que seria confirmado pela presença de contas de vidro europeias em urnas desse conjunto. A Fase compreende sítios-habitação e sítioscemitério, na maioria pequenos, situados em elevações naturais que ofereciam vantagem defensiva, acima das planícies inundáveis e próximas a uma fonte de água constante. Os sítios escavados por Meggers e Evans desse conjunto apresentaram profundidade de até 45cm e até 83 metros de diâmetro, sendo assim interpretados como correspondentes a vestígios de populações reduzidas (MEGGERS & EVANS, 1957: 102). Para os sítios habitação foi identificada a presença de terra preta, e a distribuição usual deles se dava em faixas paralelas ao curso d'água mais próximo.

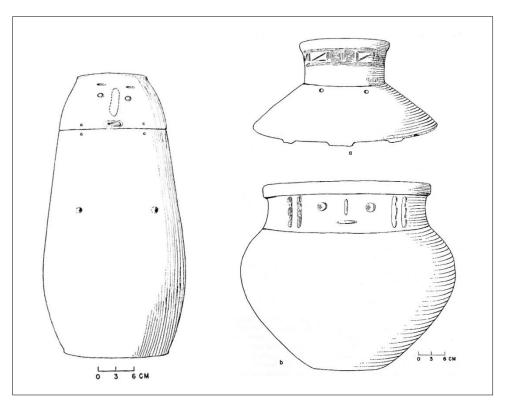
Para Meggers & Evans (1957), o figurativismo não seria proeminente nas Fases Acauan e Aruã, mas verificável com maior recorrência dentre a Fase Mazagão, mesmo que condicionado a algum nível de emulação da cerâmica Maracá:

Os únicos exemplos verdadeiros de modelagem antropomórfica da Fase Mazagão são o vaso Z, o Grupo funerário 1 do Sítio A-3, e o vaso A, do Grupo funerário 2 do Sítio A-4. Presumivelmente, são cópias do estilo do Rio Maracá e não um desenvolvimento indígena da própria Fase de Mazagão. Figuras zoomórficas não são comuns, exceto na Ilha do Pará, onde predominam urnas funerárias na forma de tartaruga. Com exceção de uma grande pata de tartaruga e a cabeça e cauda de uma cutia de um banco de cerâmica da urna antropomórfica encontrada no sítio A-3, nenhum outro animal foi representado nas cerâmicas da Fase Mazagão. Algumas cabeças de pássaros foram afixadas ao pescoço de algumas das vasilhas encontradas por Lima Guedes nos sítios de Igarapé do Lago (MEGGERS & EVANS, 1957: 99-100, tradução nossa).

Dados mais recentes, como aqueles obtidos com os sítio Pacoval, em Macapá (PEREIRA et al, 1986), e o sítio Santana 1, em Santana (ALMEIDA, 2017), indicaram haver uma presença mais generalizada de urnas antropomorfas entre o material Mazagão do que apontaram Meggers e Evans. O contexto funerário identificado no sítio Santana 1 se assemelha àquele descrito para o sítio-cemitério Piçacá (AP-MZ-13): sepultamento em vaso grande globular Mazagão simples, coberto por tigela de pedestal incisa Anauerapucú, possuindo a urna a figuração de nariz, olhos e boca, além de duas barras laterais que separam as duas faces localizadas em lados opostos da borda (MEGGERS & EVANS, 1957: 48). Esses novos dados reiteram a existência de duas tipologias principais

de urnas antropomorfas para essa Fase (Figura 3): uma primeira que consiste em urnas cilíndricas, com figuração usual dos mamilos e genitais no corpo, e da face na tampa; e um segundo tipo, representado por urnas globulares com pescoço, tendo a figuração de faces em lados opostos, separadas por barras formadas por filetes aplicados. A pasta, em ambas as tipologias, é avermelhada. Junto ao segundo tipo foi identificada, em alguns casos, a presença de vasilhas Anauerapucú Incisas emborcadas, utilizadas como tampa, possuindo pedestal e ricamente decoradas, contando com o uso de giz branco nas incisões e figuração de faces nas flanges labiais.

Figura 3 – Urnas Mazagão. 1) urna pertencente ao conjunto funerário 1 do sítio A-3 Cemitério Piçacá (AP-MZ-13). À esquerda: desenho em Meggers & Evans (1957: 52); à direita: a mesma urna, atualmente sob guarda do Museu Joaquim Caetano. Foto: autor. 2) urna pertencente ao conjunto funerário 3 do sítio A-4 Valentim (AP-MA-14), e acima dela uma vasilha com pedestal, que servia de tampa (MEGGERS & EVANS, 1957: 63). 3) urna descrita como globular. Procedência desconhecida. Acervo Museu Joaquim Caetano. Foto: autor.



Para além destas duas tipologias, Meggers e Evans destacaram dentre o material Mazagão urnas que figuram indivíduos sentados em bancos, atribuindo isso a algum nível de contato com os grupos produtores da cerâmica Maracá. Destacam-se aqui os sítios A-3 Cemitério Piçacá (AP-MZ-13) e A-4 Valentim (AP-MZ-14), ambos sítios-cemitério às margens do rio Piçacá, afluente do rio Mazagão; os sítios Igarapé Flechal e Ponto das Panelas, ambos às margens de tributários do rio Mazagão; e o sítio Ilha do Pará, localizado em uma ilha que se estende entre a foz do rio Maracá e do rio Vila Nova, e à frente da foz do rio Mazagão. É diante das evidências identificadas nesses sítios que os autores apostaram em algum nível de emulação da "fórmula" Maracá pelos grupos produtores da cerâmica Mazagão:

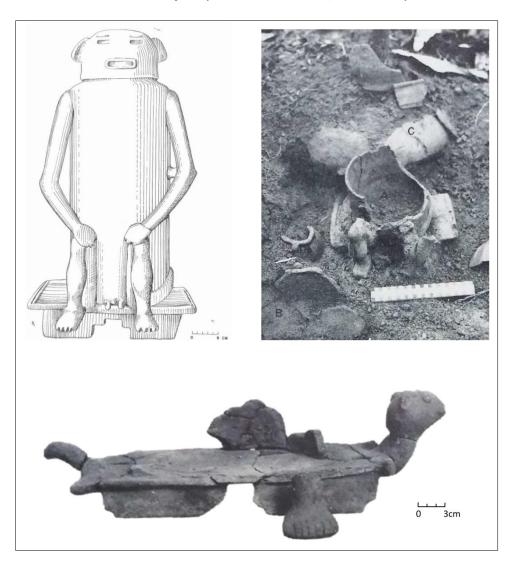
Algum contato ou troca sem fusão ou assimilação de nenhuma das culturas ocorreu entre a Fase Mazagão e a tradição que ocupava o Rio Maracá, conforme é evidenciado pelas cópias de urnas antropomorfas em cemitérios da Fase Mazagão (MEGGERS & EVANS, 1957: 103, tradução nossa).

Entre os sítios AP-MZ-13 e AP-MZ-14 destacam-se duas urnas antropomorfas. A Urna A, do conjunto funerário 2 do sítio AP-MZ-14, é descrita como Vilanova Lisa, figura um indivíduo com genital masculino e corresponde à urna Z encontrada no AP-MZ-13: ambas foram enterradas não por completo, se projetando do solo da cintura para cima, e associadas a um grupo de vasilhas não antropomórficas enterradas a uma profundidade substancialmente maior.

O corpo da urna A possui 19cm de diâmetro, e a borda do corpo se constrange, de modo que a tampa tem 13cm de diâmetro em sua abertura. Apresenta longos braços, constituídos por sólidos rolos de cerâmica com 3cm de diâmetro, e mãos com palmas côncavas pousadas sobre os joelhos. Um pequeno cilindro cerâmico de 3cm de diâmetro e 3cm de comprimento unia o braço esquerdo à parede da vasilha. As pernas se elevam em direção ao corpo, de modo que os pés ficam acima da altura da base do banco. Outros detalhes anatômicos incluem a cabeça em formato de domo, as panturrilhas inchadas, a figuração da coluna vertebral, da genitália masculina e de seis dedos em cada mão. Um aplique em tira, de 5cm de altura, contorna a base do corpo na junção com o banco.

Figura 4 – Acima: reconstrução elaborada por Meggers e Evans da Urna A, conjunto funerário 2, sítio A-4 Valentim (AP-MZ-14), identificada pelos autores como pertencente à Fase Mazagão (MEGGERS & EVANS, 1957: 61). Ao lado: detalhe da escavação do conjunto funerário 2 no referido sítio (MEGGERS & EVANS, 1957: Pl. 3).

Abaixo: banco de urna antropomorfa Mazagão lisa (Urna Z), conjunto funerário 1, sítio A-3 Cemitério Piçacá (MEGGERS & EVANS, 1957: Pl. 7).



A urna Z, por sua vez, é descrita nos seguintes termos:

Embora uma reconstrução completa da urna Z não tenha sido possível devido à condição erodida [...], fragmentos suficientes foram recuperados para estabelecer que a forma é uma cópia local das bem conhecidas urnas antropomorfas sentadas Maracá. O banco reconstruído tem 31 cm de comprimento, [...] possuía a cauda (5,5 cm de comprimento) de uma cutia em uma extremidade e a cabeça bem modelada de cutia na outra extremidade. [...] As pernas com as panturrilhas inchadas, indicando o uso de ligaduras, foram presas ao corpo de modo que os pés ficaram suspensos no ar. As pernas são bem modeladas com ossos proeminentes do tornozelo, mas cada pé tem 8 dedos. Ambos os braços são circulares em corte transversal e as mãos com sete dedos têm as palmas em formato de taças, estando apoiadas nos joelhos (MEGGERS & EVANS, 1957: 56, tradução nossa).

Ainda outro material figurativo chama a atenção no sítio AP-MZ-13, mas dessa vez trata-se de uma urna zoomorfa:

Um dos fragmentos de cerâmica mais incomuns é uma grande pata oca (Mazagão Liso) com cinco dedos representando provavelmente uma tartaruga, medindo 8 cm de altura, com o diâmetro da sola de 14 cm e da perna de 10 cm. Nenhum outro fragmento desta urna foi encontrado nas proximidades. Trata-se, sem dúvida, de uma urna zoomorfa de jaboti do tipo encontrado por Lima Guedes e Farabee na Ilha do Pará (MEGGERS & EVANS, 1957: 50-51).

O sítio Igarapé Flechal, por sua vez, está situado às margens do igarapé de seu nome, um dos tributários do rio Mazagão (que se situa entre os rios Vila Nova e Maracá). O sítio, identificado por Lima Guedes, apresentou fragmentos de urnas antropomorfas e zoomorfas, descritas como do tipo das urnas Maracá. A maioria dos fragmentos, contudo, é descrita como correspondente a formas "similares àquelas do Marajó, mas extremamente pobres em ornamentação" (LIMA GUEDES, 1897: 55), as quais são compreendidas por Meggers e Evans (1957: 73) como urnas Mazagão globulares.

Já o sítio Ponto das Panelas foi visitado por Farabee em 1916, no Lago do Rio Ajudante, um braço a leste do rio Mazagão. Fica em uma península, em um lago que, à semelhança dos lagos da região, enche no período de chuvas, ainda assim mantendo a cobertura vegetal, tornando difícil o acesso por canoa. O sítio estaria em uma área com 40cm de elevação em relação ao entorno, e contava com urnas funerárias geralmente associadas a outras vasilhas. O material melhor preservado do sítio incluía uma urna antropomorfa com figuração de um indivíduo sentado, no interior da qual se identificou uma vasilha menor e grande quantidade de contas de vidro - algumas dessas contas redondas e azuis, outras oblongas azuis e brancas ou ainda vermelhas e brancas (FARABEE, 1921). Ao lado da urna antropomorfa, se identificou uma urna zoomorfa com quatro patas, rabo e face humana. O sítio contava ainda com um certo número de fragmentos nos quais foi possível identificar figuração antropo e zoomorfa. Meggers e Evans se pautaram pela descrição do sítio oferecida por Farabee, concluindo que conta com o mesmo tipo de cerâmica da Ilha do Pará e provavelmente "representa a mesma fusão cultural da Fase Mazagão com a tradição Maracá" (MEGGERS & EVANS, 1957: 74).

Em se tratando do sítio Ilha do Pará, esse local foi identificado durante a visita de Lima Guedes à ilha de mesmo nome, em sua viagem do rio Maracá para o rio Vila Nova, e se encontrava em área florestada na porção centro-sul da ilha (LIMA GUEDES, 1897: 54), contendo fragmentos dispersos por uma área de 300m de diâmetro. Segundo a descrição oferecida, nenhuma das vasilhas estaria originalmente enterrada por completo. O sítio contava com alguns fragmentos de urnas antropomorfas, como um fragmento de

uma perna com tornozeleira e panturrilhas inchadas, descritas por Meggers & Evans (1957: 71) como "similar às urnas antropomorfas Maracá". Os demais fragmentos encontrados pertenciam a grandes urnas funerárias no "formato de jabutis ou tartarugas". dos quais alguns pertenciam a três zoomorfas completas e o restante compreendia muitas cabeças e patas que foram então coletadas – material hoje situado no Museu Goeldi. Farabee, por sua vez, visitou as ilhas do Pará e dos Porcos anos mais tarde:

Na Ilha dos Porcos há numerosos sítios-habitação; mas aparentemente, as pessoas removeram seus mortos para uma pequena ilha próxima chamada Ilha do Pará. Nesta pequena ilha nós fomos incapazes de identificar evidência de ocupação ou sítios-habitação" (FARABEE, 1921: 154).

O sítio na Ilha do Pará é então descrito por Farabee como localizado em uma área com elevação de 60 cm em relação ao entorno, de modo que não inunda na época das cheias. As vasilhas estariam dispostas sobre o solo e algumas "nem demandavam escavação para serem removidas" (FARABEE, 1921: 154). Apresentavam-se agrupadas, de modo geral, e um dos agrupamentos reunia seis urnas. O autor descreve ainda que as vasilhas apresentavam tampas produzidas para elas, todas em tamanho aproximado e sem pintura. A respeito das urnas que podemos entender como relativas a quadrúpedes, Farabee observou que "Muitas cabeças parecem ter sido designadas como cabeças humanas, mas mesmo nestas havia pequenas caudas – muitas podem ter sido de tigres" (FARABEE, 1921: 154). Meggers e Evans, em comentário sobre tais urnas, afirmam:

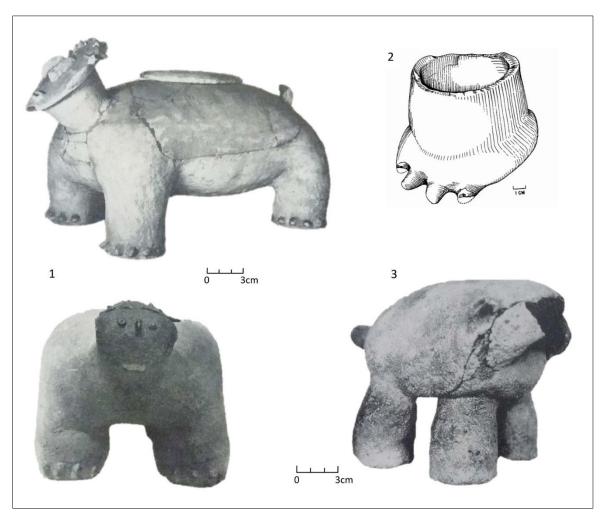
Embora os corpos sejam semelhantes em forma e proporções, os rostos variam consideravelmente em expressão. A face na extremidade do pescoço é achatada ou ligeiramente convexa, e possui olhos, nariz, boca e sobrancelhas feitos com filetes e nódulos aplicados. Ao longo do topo ou da cabeça, uma fileira de botões aplicados forma uma espécie de toucado. Duas faces têm apêndices no queixo semelhantes às barbas [sic] encontradas em algumas das urnas antropomorfas do rio Maracá (MEGGERS & EVANS, 1957: 73).

Para além do material Mazagão, cabe citar uma urna zoomorfa identificada à Fase Aruã por Meggers e Evans, oriunda do sítio M-5 Mulatinho, na ilha Mexiana (Figura 5). A urna possuía a cabeça fraturada e foi encontrada 20cm abaixo da superfície do sítio. Sobre ela comentam que "Embora seja difícil identificar o animal, as pernas grossas, orelhas curtas, boca grande, e cauda curta sugerem uma capivara" (MEGGERS & EVANS, 1957: 488). Os autores, assim como Farabee em suas descrições dessas urnas que figuram quadrúpedes com a face humana, ou em relação aos animais figurados nos bancos de urnas antropomorfas, se referem a diferentes espécies, e não apenas a quelônios. Assim, além da capivara, há menção a uma cutia (MEGGERS & EVANS, 1957: 56) e um felino (FARABEE, 1921: 154). O banco em que haveria a figuração da cutia, aliás, é o único registro de um banco no qual são também figuradas as patas do animal, além da cabeça e cauda. Barbosa (2011: 93, 150), por sua vez, refere-se a uma urna Maracá antropomorfa na qual se registra a figuração da cabeça de uma ave na lateral do banco. Além disso, cabe considerar as urnas antropomorfas cujos bancos não apresentam esses apliques que figuram cabeças ou caudas, como no caso das urnas Caviana em geral, das urnas Cupixi e de algumas das urnas Mazagão referidas acima.

É interessante ter em mente ainda que a figuração de entes sentados em bancos, em se tratando de urnas funerárias, é recorrente na Arqueologia Amazônica (ver POLO & COSTA LEITE, 2019). Essa composição corresponde a um dos "modos de representar o corpo" mais comuns para a Amazônia pré-colonial, conforme Barreto (2008, 2014). É

possível lembrar, nesse sentido, de conjuntos como o Guarita⁵, na Amazônia central, e do rio Napo, no Equador. De todo modo, o que parece haver de particular para a região da foz do Amazonas abarcada na presente pesquisa é a combinação, nos mesmos contextos, dessas urnas nas quais se figuram quadrúpedes com face antropomorfa e seres antropomorfos sentados em bancos, e a extensão regional dessa combinação, para além do Igarapé do Lago e do conjunto reconhecidamente Maracá.

Figura 5 – 1) Urnas funerárias zoomorfas oriundas da Ilha do Pará descritas por Meggers e Evans (1957: Pl. 17) como urnas da "Fase Maracá". Acima: University Museum, Filadélfia, coletada por Farabee. Abaixo: Museu Paraense Emílio Goeldi, coletada por Lima Guedes. 2) Desenho de pata de urna zoomorfa, descrita como pertencente à Fase Mazagão e identificada no sítio AP-MZ-13 (MEGGERS & EVANS, 1957: 49). 3) Urna 23, sítio M-5 (Mulatinho), ilha Mexiana, Pará, descrita como pertencente à Fase Aruã (MEGGERS & EVANS, 1957: Pl. 106).



O PROGRESSIVO RECONHECIMENTO DOS CONJUNTOS CAVIANA E CUPIXI

A cerâmica classificada como Caviana corresponde a um estilo ainda não bem definido e pouco estudado, encontrado inicialmente na ilha de Caviana, no arquipélago do Marajó, por Curt Nimuendaju (2004), e recentemente classificado como estilo Caviana por Rostain (2011, 2013). Material semelhante tem sido encontrado também no

⁵ Cabe observar que dentre as urnas Guarita há algumas em que os membros inferiores e superiores não são figurados, mas os bancos sim, em uma composição na qual o banco parece assumir mais o papel de motivo identificador do corpo humano que os próprios membros.

Amapá (SALDANHA & CABRAL, 2010), e boa parte das peças conhecidas, no entanto, são o resultado de pilhagens e compõem coleções situadas fora do país, bem como não possuem informação quanto ao seu contexto de origem. Conforme Barreto (2008: 78), tanto Eduardo Neves como Rostain entendem esse estilo como híbrido, uma mistura da policromia marajoara com o antropomorfismo Maracá. A distribuição geográfica do material Caviana e a pintura bastante elaborada das urnas corroborariam tal impressão. Barreto (2008: 79) ainda sugere, pelo estado de conservação das urnas conhecidas, a possibilidade de que fossem depositadas em solo, e não enterradas.

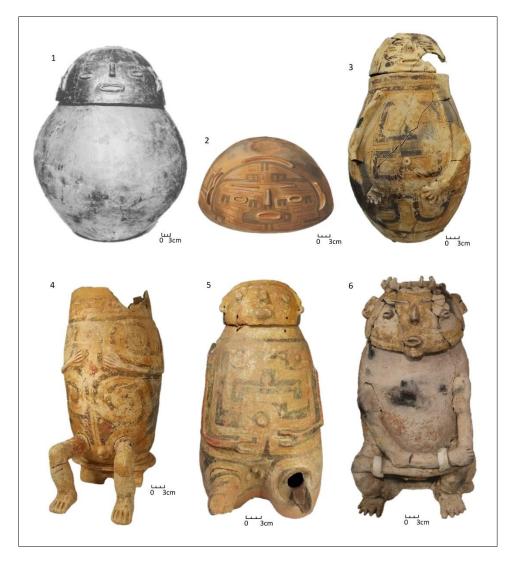
Pesquisas recentes, sobretudo os trabalhos relativos ao sítio Curiaú Mirim, tem problematizado o que se sabe sobre o conjunto Caviana. O referido sítio se localiza junto à várzea do Amazonas, na cidade de Macapá, e apresenta uma grande diversidade de estilos cerâmicos associados entre si, com decorações características dos complexos Marajoara, Mazagão e Caviana sepultadas lado a lado (SALDANHA *et al*, 2016), e cujas datações, situadas entre 1000 e 700 AP, permitiram verificar a sua contemporaneidade. Esse contexto e a deposição bastante estruturada de urnas Caviana e Mazagão em conjunto permitiram aventar que a cerâmica Caviana possa corresponder à presença do antropomorfismo e policromia na Fase Mazagão, tendo em mente que seriam tecnologicamente idênticas, com exceção da policromia e antropomorfismo ⁶ da primeira (SALDANHA *et al*, 2016).

De modo geral, a cerâmica Caviana vem sendo apresentada como um estilo específico que se desenvolveu na ilha de Caviana e na costa estuarina do Amapá. São descritas como antropomorfas, podendo ser globulares ou figurar uma pessoa sentada sobre um banco, e possuir pintura policroma bastante elaborada. Cronologicamente esta cerâmica tem sido aproximada aos conjuntos Aristé recente, Maracá e Marajoara, e estima-se que se desenvolveu entre 1000 e 1500 AD (ROSTAIN, 1996: 4; ROSTAIN, 2011: 22-23).

É notável, contudo, uma relevante variabilidade dentre os materiais que têm sido associados ao conjunto Caviana, a qual talvez seja sintomática do pouco que ainda sabemos sobre os sítios e sobre estes materiais – que podem vir a ser futuramente organizados em subconjuntos. Afinal, colocamos sob a mesma égide de Caviana urnas funerárias que figuram pessoas sentadas em bancos e outras de contorno sinuoso nas quais não há figuração aparente dos membros inferiores. Ainda não há, na bibliografia existente, uma tentativa de organizar ou diferenciar essas distintas tipologias Caviana. Entre as urnas oriundas das ilhas (Caviana, sobretudo) predominaria a presença de pintura vermelha e preta sobre engobo branco, e seria menos verificada a figuração de banco ou membros inferiores. Já entre as urnas identificadas na costa amapaense, na região de Macapá, a pintura seria menos exuberante, mas os detalhes figurativos tridimensionais seriam mais salientes, como os membros inferiores, banco e adornos. Ao que tudo indica, porém, todas as urnas antropomorfas da região da costa estuarina do Amapá e ilhas do arquipélago do Marajó que não puderam ser facilmente associadas ao conjunto Maracá, Mazagão ou Aruã, têm sido em alguma medida classificadas como Caviana, o que torna ainda mais interessante o esforço de apreciação deste conjunto e de suas particularidades.

⁶ O antropomorfismo, como visto acima, pode também ser reconhecido para a Fase Mazagão.

Figura 6 – 1) Urna Caviana oriunda do sítio Rebordelo, ilha de Caviana, escavado por Nimuendajú. Atualmente localizada no Museu Etnográfico de Gutemburgo, Suécia. Altura: 45,5cm. Largura: 40cm. (NORDENSKIÖLD, 1930: Pl. XIX). 2) Tampa da referida urna, em pintura de Nordenskiöld (1930: 132). 3 e 4) Urnas Caviana, oriundas de resgate emergencial no sítio Santo Antônio da Pedreira (AP-MA-27), em Macapá, Amapá. Acervo NuPArq/IEPA. Fotos: autor. 5) Urna Caviana, sítio Pacoval, Macapá, escavado por equipe coordenada por Edith Pereira. Acervo: MHAJCS. Foto: autor. 6) Urna Caviana, sítio Curiaú Mirim I, Macapá. Acervo NuPArq/IEPA. Foto: Cortesia NuPArq/IEPA.



Em se tratando da cerâmica descrita localmente como Cupixi, o único sítio já identificado com este material se encontra no município de Porto Grande, Amapá. Localiza-se em área de terra firme, em um platô elevado a 60 metros de distância das margens do rio Cupixi, com vegetação de mata à sua volta. O Rio Cupixi, por sua vez, é um dos afluentes do Rio Amapari, que desemboca no Araguari. O sítio AP-AR-01, "Retiro do Bidú", foi identificado quando o proprietário do terreno iniciou a abertura de uma fossa com 1,20m de largura, escavada até 1,87m de profundidade, havendo então a identificação do material arqueológico. O achado foi comunicado a autoridades de Macapá e ao Museu Goeldi, e uma visita ao local foi realizada pela equipe do MHAJCS, que solicitou ao IPHAN a retirada do material que se encontrava exposto a intempéries. O resgate emergencial, depois de autorizado, foi realizado em 1998, um ano após o achado fortuito e coordenado pela equipe do Museu Joaquim Caetano, instituição que detém a guarda das peças atualmente. Conforme relatório (QUEIROZ & LACERDA,

1998) apresentado ao IPHAN, os trabalhos de resgate não envolveram atividades de escavação, mas somente o resgate do material arqueológico já exumado.

O sítio foi descrito enquanto um sítio cemitério (QUEIROZ & LACERDA, 1998), embora tenham sido encontradas em sua superfície fragmentos de vasilhas de contorno simples. Sua dimensão foi estimada em 70 por 80m2, a partir do caminhamento no local e com base na coloração do solo e na identificação de concentrações de fragmentos cerâmicos pela superfície do terreno. Embora o sítio tenha sido revolvido em razão da abertura da fossa e anteriormente pelo sistema de plantação na área, o relatório aponta para o potencial em ainda ser escavado (QUEIROZ & LACERDA, 1998: 03).

Quando da abertura da fossa, houve a notificação da existência de quatorze urnas antropomorfas inteiras. Destas, foram recuperadas cinco delas ainda completas, porém já fragmentadas, além de material ósseo e vasilhas descritas como utilitárias ou possivelmente utilizadas como acompanhamento funerário. O relatório ainda ressalta a policromia dessas urnas antropomorfas, e, embora não haja dados complementares sobre a tipologia do sítio, a localização dos achados concentrados a 1,87m de profundidade sugere possível correspondência com os sepultamentos em poços artificiais, conforme ocorre com outros estilos cerâmicos em demais localidades do estado.

Figura 7 – À esquerda e acima: urna funerária Cupixi e tampas, oriundas do sítio AP-AR-01, Porto Grande, Amapá. Fotos: autor. À direita, abaixo: urnas Cupixi na área do sítio, depois de exumadas pelo proprietário do terreno por ocasião de abertura de fossa (IPHAN. Processo nº 01492.000094/97-46, página 3).



É interessante notar que em um parecer emitido por técnico do IPHAN à época, o material é identificado como "pertencente à Fase Maracá" (IPHAN, 1997). Desde então, vem sendo também tratado como pertencente ao conjunto Caviana – sendo essa uma interpretação favorecida pela falta de dados contextuais nos dois casos. É o que ocorre quanto a três urnas pertencentes à coleção Geiger, localizada na Suíça, e apresentadas por Barreto (2008: 79) enquanto possíveis peças Caviana, mas que correspondem claramente ao conjunto Cupixi, mesmo que não haja informações sobre sua origem.

AO INVÉS DA SINGULARIDADE MARACÁ, O COMPARTILHAMENTO REGIONAL DE PADRÕES ICONOGRÁFICOS – E SOCIAIS

Os contextos apresentados e debatidos até aqui apontam claramente para a figuração de seres antropomorfos sentados em bancos e de quadrúpedes com faces antropomorfas em outros conjuntos para além do Igarapé do Lago (Figura 1). No que diz respeito ao modo de figurar o corpo dentre as urnas antropomorfas da região particularmente, é possível aqui distinguir algumas tipologias, ainda que de modo preliminar. Em primeiro lugar, há aquelas cuja face é figurada no corpo da vasilha, próxima à borda. Essa tipologia compreende urnas Mazagão globulares e algumas variações de urnas Aruã. Uma segunda tipologia corresponde às urnas em que a face é figurada na tampa. Urna e tampa, nesses casos, compõem um todo. Essa segunda tipologia, que é a mais comum à região da costa estuarina amapaense que a anterior, compreende dois subgrupos principais: aquelas em que membros superiores e inferiores muitas vezes nem chegam a ser figurados ou não se projetam para fora da vasilha, como ocorre com parte das urnas Mazagão - as tubulares - e parte das urnas Caviana - as de contorno sinuoso. No outro subgrupo é comum a figuração dos membros superiores, e os membros inferiores em geral são projetados, havendo ainda a figuração de bancos sobre os quais os corpos estão apoiados. Aí estão incluídas parte das Caviana⁷, as Maracá e as Cupixi. Além disso, embora haja diferenças entre os padrões de deposição dessas urnas, são notáveis as semelhanças, como a deposição em superfície ou seu enterramento apenas parcial.

Um modo de encarar a extensão das tipologias até então assumidas como reservadas às Maracá ou suas cópias é – assim como fizeram Meggers e Evans – apenas admitir que se trate do resultado da interação entre diferentes grupos, tendo sido promovida a cópia, emulação ou adaptação das tipologias Maracá reconhecidas por outros grupos ceramistas. Se tomamos essa via interpretativa, a discussão se limita por aí. Outra opção, porém, é que interroguemos a possibilidade de que a extensão dessa combinação de temas corresponda ao compartilhamento, por grupos distintos, de uma cosmovisão semelhante e de determinadas práticas sociais manifestadas nos contextos funerários.

Sobretudo os conjuntos Caviana e Cupixi permitem observar que a figuração de pessoas sentadas possui extensão regional, e não local ou característica à cerâmica Maracá. Assim, mais do que falar em cópias de um cânone Maracá, é possível mudar a chave interpretativa e refletir acerca da recorrência dessa tipologia entre diferentes grupos que ocuparam a Foz do Amazonas. A verificação de urnas zoomorfas com cabeças antropomorfas no interior de outros conjuntos cerâmicos, por sua vez, corrobora a afirmação acima e introduz a ideia de que a combinação desses dois tipos de urnas tenha um sentido que ultrapassa o grupo ceramista responsável pela produção das urnas Maracá.

O que se aventa minimamente aqui é que tanto Maracá quanto Mazagão, Caviana e Cupixi fazem parte de um grande grupo descrito por Saldanha e colaboradores (2016) que se estende pela região. Buscando uma nova síntese das pesquisas arqueológicas no Amapá, esses autores apontam que apesar da comumente mencionada diversidade no que concerne aos grupos ceramistas, seria possível observar dois conjuntos principais – sobretudo se cruzarmos os dados referentes à cerâmica e artefatos em geral àqueles concernentes às estruturas e aos padrões de assentamento (SALDANHA et al, 2016: 96). Assim, seria identificável um conjunto mais litorâneo, marcado pelo uso de antiplástico de quartzo e caco moído, e por aquilo que chamaram de uma "tradição monumental"

⁷ Algumas urnas Caviana, contudo, se situam entre estas duas sub-tipologias, apresentando usualmente os membros inferiores no formato de bulbos, ainda projetados, mas sem que haja a figuração do banco.

(SALDANHA et al, 2016: 96) – isto é, por contextos funerários associados ao uso de megalitos, cavernas ou poços artificiais. Esses contextos funerários compreenderiam, além disso, a deposição de urnas antropomorfas, geralmente associadas a outras mais simples. Tal conjunto agregaria as Fases Aristé, Maracá, Mazagão, Caviana e Marajoara. Um segundo conjunto identificável, por sua vez, corresponderia àquele situado mais ao interior montanhoso amapaense e ligado à Fase Koriabo. Os sítios seriam ao mesmo tempo de habitação e funerários, apresentando espessas camadas de terra preta. As cerâmicas seriam temperadas sobretudo com quartzo moído e caraipé, e as cerâmicas decoradas estariam menos associados a sepultamentos, e mais a "bolsões cerimoniais" (SALDANHA et al, 2016: 96)8.

O que a reflexão aqui apresentada introduz é que, para além do Amapá, esse grande conjunto mais litorâneo se prolonga às ilhas da costa estuarina amapaense pertencentes ao arquipélago do Marajó, alcançando mesmo as ilhas Caviana e Mexiana. O presente esforço sinaliza, enfim, a produtividade de se investigar a extensão da associação entre as referidas tipologias por meio de análise iconográfica minuciosa e subsidiada por dados tecnológicos e contextuais – como se busca fazer com a pesquisa em andamento, iniciada com a tese de doutorado (POLO, 2019) à qual se liga o presente artigo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à CAPES, pelo financiamento da pesquisa à qual se liga o presente artigo, e axs revisores anônimxs pelas contribuições gentilmente oferecidas. Agradeço igualmente às equipes do Museu Nacional, Museu Joaquim Caetano, NuPArq/IEPA e CEPAP/Unifap, bem como à orientadora Denise Gomes.

⁸ No que concerne ao antropomorfismo, enquanto no conjunto anterior seria comum a figuração da urna enquanto um corpo antropomorfo, neste conjunto é mais comum a figuração de partes do corpo em apliques, utilizados em composições junto a motivos zoomorfos e abstratos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Sérgio Bruno dos Reis. 2017. Relatório de análise do material arqueológico das atividades de complementação do Resgate Arqueológico na área dos empreendimentos imobiliários Acquaville Tucunaré, Acquaville Dourado, Acquaville Garoupa e Acquaville Tambaqui, no município de Santana estado do Amapá. Brasília: Fronteiras Arqueologia. Processo IPHAN nº 01424.000025/2016-61.
- BARBOSA, Carlos Augusto Palheta. 2011. *As iconografias das urnas funerárias antropomorfas Maracá* (*Amapá*): a coleção Gruta das Caretas. Dissertação (Mestrado em Antropologia), Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Arqueologia, Universidade Federal do Piauí, Teresina.
- BARRETO, Mauro. 1992. História da Pesquisa Arqueológica no Museu Paraense Emílio Goeldi. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*. Série Antropologia 8: 203-294.
- BARRETO, Cristiana Nunes. 2008. *Meios místicos de reprodução social*: Arte e estilo na cerâmica funerária da Amazônia Antiga. Tese (Doutorado em Arqueologia). Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Museu de Arqueologia e Etnologia, USP.
- BARRETO, Cristiana Nunes. 2014. Modos de figurar o corpo na Amazônia pré-colonial. In: ROSTAIN, Stéphen (Ed.). *Antes de Orellana*: Actas del 3er Encuentro Internacional de Arqueología Amazónica. Quito: IFEA; MCCTH; p.123-130.
- COSTA, Angyone. 1934. *Introdução à Arqueologia Brasileira*: Etnografia e História. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- FARABEE, William Curtis. 1917. "The South American Indian in His Relation to Geographic Environment". *Proceedings of the American Philosophical Society*, v. 56, n. 3, p. 281-288.
- FARABEE, William Curtis. 1921. "Exploration at the mouth of Amazon". *The Museum Journal*, 12: 142-161. University Museum, University of Pennsylvania, Philadelphia.
- GALLOIS, Dominique Tilkin. 2012. "Donos, detentores e usuários da arte gráfica kusiwa". *Revista de Antropologia* USP, 55(1): 19-49.
- GUAPINDAIA, Vera. 1995. Projeto Estudos arqueológicos no Amapá: resgate da pré-história da região do rio Maracá, Igarapé do Lago. *Relatório de Viagem*. 1ª etapa de campo junho/julho.
- GUAPINDAIA, Vera. 1997. O potencial arqueológico da região do Rio Maracá/Igarapé do Lago (AP). *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, Série Antropologia v.13 (1): 67-102.
- GUAPINDAIA, Vera. 2000. Relatório de atividades do Projeto de Estudos Arqueológicos na região do rio Maracá/Igarapé do Lago, estado do Amapá. *Processo IPHAN nº 01492.000093/1996-00*.
- GUAPINDAIA, Vera. 2001a. Encountering the ancestors: the Maracá urns. In: McEWAN, Colin; BARRETO, Cristiana; NEVES, Eduardo (Eds.). *Unknown Amazon*: culture and nature in ancient Brazil. Londres: The British Museum Press.
- GUAPINDAIA, Vera. 2001b. Relatório de atividades do Projeto Estudos Arqueológicos no Amapá: Resgate da Pré-História da Região do Rio Maracá-Igarapé do Lago. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi.
- GUAPINDAIA, Vera. 2008a. *Práticas Funerárias Pré-históricas na Amazônia*: as Urnas Maracá. Vol. 5. Belo Horizonte: Margens.
- GUAPINDAIA, Vera. 2008b. Prehistoric Funeral Practices in the Brazilian Amazon: The Maracá Urns. In: SILVERMAN, Helaine; ISBELL, William H. (Eds.). *Handbook of South American Archaeology*. New York: Springer.
- IPHAN. 1997. "Denúncia achado arqueológico na localidade de Cupixi Município de Porto Grande/AP". *Processo IPHAN nº 01492.000094/97-46*.

- LIMA GUEDES, Aureliano Pinto de. 1897. "Relatório sobre uma missão ethnographica e archeologica aos rios Maracá e Anauerá-pucú (Guyana Brazileira)". *Boletim do Museu Paraense de História Natural e Etnografia*, Tomo I, p. 42-54.
- MEGGERS, Betty & EVANS, Clifford. 1957. *Archaeological investigations at the mouth of the Amazon*. Washington: Bureau of American Ethnology.
- NIMUENDAJÚ, Curt. 2004. *In pursuit of a past Amazon*: archaeological researches in the Brazilian Guyana and in the Amazon region. A posthumous work compiled and translated by Stig Rydén and Per Stenborg. Etnologiska Studier, vol. 45. Goteborg: Världskulturmuseet i Göteborg.
- NORDENSKIOLD, Erland. 1930. Ars Americana. Paris: G. van Oest.
- PENNA, Domingos Ferreira. 1877. "Apontamentos sobre os ceramios do Pará". *Archivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro*, Rio Janeiro, v. 2, p. 47-67.
- PEREIRA, Edithe; KERN, Dirse & VERÍSSIMO, César. 1986. "Nota sobre o salvamento arqueológico do sítio AP-MA-03: Pacoval, Macapá, AP." *Arqueologia* 5: 55-67.
- POLO, Mario Junior Alves. 2019. Corpo e figuração na Arqueologia da foz do Amazonas: uma abordagem pós-representacional aos conjuntos Maracá, Caviana e Cupixi". Tese (Doutorado em Arqueologia) Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Museu Nacional (PPGArq/MN). Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).
- POLO, Mario Junior Alves & COSTA LEITE, Lúcio Flávio Siqueira. 2019. "Os sapatos de Scarlett: o corpo na Arqueologia Amazônica, e os caminhos desenhados por uma posicionalidade queer". *Revista de Arqueologia Pública*, 13 (1[22]): 180-198. ISSN: 2237-8294. https://doi.org/10.20396/rap.v13i1.8654836
- QUEIROZ, Brasiliana & LACERDA, Adervan. 1998. "Salvamento de urnas funerárias do sítio 'Retiro do Bidú', Cupixi/AP". *Relatório*. FUNDECAP.
- ROSTAIN, Stéphen. 1996. "La peau des défunts". *Totem*, Journal du Musée d'Ethnographie de Genève, 15: 4.
- ROSTAIN, Stéphen. 2011. "Que hay de nuevo al Norte: apuntes sobre el Aristé". Revista de Arqueologia (SAB), 24(1): 10-31.
- ROSTAIN, Stéphen. 2013. *Islands in the rainforest*: Landscape management in Pre-Columbian Amazonia. Walnut Creek, Left Coast Press.
- SALDANHA, João. 2016. *Poços, potes e pedras*: uma longa história indígena na costa da Guayana. Tese (Doutorado em Arqueologia). Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo.
- SALDANHA, João; CABRAL, Mariana; NAZARÉ, Alan; LIMA, Jelly Souza & SILVA, Michel Bueno. 2016. "Os Complexos Cerâmicos do Amapá: Proposta de uma Nova Sistematização". In: BARRETO, Cristiana; LIMA, Helena Pinto; Betancourt, Carla (Eds.). Cerâmicas Arqueológicas da Amazônia: Rumo a uma nova síntese. Belém, IPHAN/MPEG.
- SALDANHA, João & CABRAL, Mariana. 2010. A Arqueologia do Amapá: reavaliação e novas perspectivas. In: PEREIRA, Edithe; GUAPINDAIA, Vera (Orgs.). *Arqueologia Amazônica*. v.1. Belém: MPEG/IPHAN/SECULT. Pp. 95-112.
- SOUZA, Sheila Mendonça de; GUAPINDAIA, Vera & RODRIGUES-CARVALHO, Claudia. 2001. "A necrópole Maracá e os problemas interpretativos em um cemitério sem enterramentos". *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, 17(2).
- VAN DEN BEL, Martjin. 2010. "A Description of Late Archaic Rock-filled Pits in French Guiana." *Revista de Arqueologia* (SAB), 23(1): 60-72.